

A REALIDADE DA MATERNIDADE NO CÁRCERE: UM RELATO EXPERIÊNCIA VIVENCIADO NA PENITENCIÁRIA FEMININA DE CAJAZEIRAS

**Amanda Duarte Pereira Soares¹, Ana Carla Calixto Oliveira²,
Gilmara Pamella de Aquino Nascimento³ Vanessa Alves do Nascimento Soares⁴
Yuri Charllub Pereira Bezerra⁵**

¹ Faculdade Santa Maria – FSM Cajazeiras, (amandaduarteps@outlook.com)

² Centro Universitário Unileão, (ana.carla.ac@hotmail.com)

³ Faculdade Santa Maria – FSM Cajazeiras, (gilmara.aqn@hotmail.com)

⁴ Faculdade Santa Maria – FSM Cajazeiras, (vnascimentossoares@hotmail.com)

⁵ Professor da Faculdade Santa Maria – FSM Cajazeiras, (yuri-m_pereira@hotmail.com)

Resumo

Objetivo: Explanar sobre a experiência vivenciada na penitenciária feminina de Cajazeiras, na Paraíba, através do programa VER-SUS. **Método:** Consiste em relatos do âmbito carcerário em uma visita realizada no dia 07 de fevereiro de 2018 por 22 acadêmicos e profissionais da saúde pelo programa de Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS) na edição de 2018.1. **Resultados:** Os relatos das mulheres enfatizavam o descontentamento sobre a higienização, o atendimento em saúde, bem como, a falta de práticas voltadas ao lazer. A grande maioria das detentas foram condenadas por tráficos de drogas e não mantém o contato frequente com os filhos devido a sua situação. O estresse causado pelo ambiente e suas consequências influenciavam para desenvolvimento de angústia e apatia. **Considerações Finais:** Embora a maioria da população carcerária seja composta de homens, a taxa de encarceramento vem crescendo ao longo dos últimos anos, criando um alerta sobre a real situação do ambiente prisional brasileiro em que as mesmas se encontram, bem como a efetividade dos seus direitos. A privação de liberdade somada à gravidez traz uma suavização do quadro das angústias inerentes à solidão e à falta da família presente, porém, a maternidade em si é algo preocupante no tocante à saúde da mãe e prole no tocante a criação e permanência do elo afetivo.

Palavras-chave: Mulher; Maternidade; Sistema Penitenciário.

Área Temática: Tema livre.

Modalidade: Resumo expandido.

1 INTRODUÇÃO

O perfil do ambiente prisional dominado por homens está sendo modificado em comparação a um maior índice de mulheres na criminalidade que repercute potencialmente no aumento do encarceramento feminino durante os anos (ARAÚJO *et al.*, 2014).

A conjuntura da população carcerária feminina no ano de 2019 evidenciou um aumento considerável de mulheres somando cerca de 37,2 mil detentas. Em abril de 2020, de acordo com mapeamento de mulheres grávidas, parturientes, mães de crianças de até 12 anos e idosas ou doentes, o sistema prisional contou com 208 grávidas, 44 puérperas e 12.821 mães de crianças de até 12 anos (BRASIL, 2020).

Na composição desse cenário estão mulheres em sua maioria jovens, negras e pardas, com baixo nível socioeconômico, residentes de bairros carentes e com baixa escolaridade. A porcentagem relativa de encarceradas pode ser dividida de duas formas, onde 68% representam mulheres com envolvimento direto ou indireto com o tráfico de drogas e 30% relacionada a encarceradas sem penalidade condenatória (DIUNA; CORRÊA; VENTURA, 2017).

O sistema prisional brasileiro é marcado por dificuldades como a condição de higiene, alimentação, superlotação e fiscalização ineficiente (ARAÚJO *et al.*, 2014). A população carcerária encontra-se como grupo vulnerável e o cuidado a saúde das mulheres, principalmente no que concerne ao período gestacional e puerperal necessita de maior assistência. A saúde materna e infantil encontra-se por vezes ameaçada devido a condições precárias que o cercam sejam no âmbito estrutural ou psíquico que este cenário emana (FOCHI; SILVA; LOPES *et al.*, 2014).

Em face do exposto, o presente trabalho tem por objetivo explanar a experiência vivenciada na penitenciária feminina de Cajazeiras, na Paraíba, através do programa de Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS) em sua edição de 2018.1.

2 MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência que é caracterizado pelo texto produzido com base na descrição do autor sobre uma experiência ocorrida. As informações colhidas serão passadas de forma científica para contribuir na capacitação e desenvolvimento profissional, somar ao conhecimento populacional, bem como, expor uma situação que ocorre longe de um olhar da população em geral. Sendo assim, o relato é produzido com base em uma realidade vivida com olhar exploratório, descritivo e observacional (GROLLMUS; TARRÉS, 2015).

A vivência foi realizada na penitenciária feminina do município de Cajazeiras, na Paraíba, no dia 09 de fevereiro de 2018, por 22 viventes e profissionais da saúde e do direito, através do programa de Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS) na edição de 2018.1.

O VER-SUS é um programa que proporciona vivências nos mais diferenciados setores da sociedade com o intuito de perpassar aos viventes – estudantes do ensino superior profissionais das mais diversas áreas – a realidade de diferentes minorias, estando ou não em situação de vulnerabilidade, com o intuito de formar um profissional completo somando seu conhecimento adquirido na academia ao perfil humanista.

A vivência foi realizada no período da manhã, onde foi dividida em três momentos distintos. O primeiro momento foi feito com a agente prisional da unidade com objetivo de conhecer a dinâmica do local e suas peculiaridades, após esse momento, houve contato mais próximo com as detentas para conhecer um pouco de suas histórias e da estrutura em que as mesmas estavam. O último momento foi proposto pelos próprios viventes com um objetivo de proporcionar um momento de interação e descontração entre viventes e as mulheres, onde foi realizado uma oficina de dança.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na vivência realizada, tivemos a oportunidade de conhecer as detentas da penitenciária feminina do município de Cajazeiras, na Paraíba, onde, no primeiro contato, foi possível evidenciar uma arquitetura arcaica e ambiente insalubre. No início da visita, muitas ficaram com receio e não quiseram conversar apenas respondiam as perguntas feitas de forma sucinta, porém, com o passar do tempo e pela forma como a vivência foi mediada, as mulheres começaram a se abrir e contar sobre as suas histórias e suas dificuldades quanto a privação de liberdade.

A penitenciária contém três grandes alas com um pátio central, onde as mesmas tomam banho de sol todos os dias e onde são realizadas atividades religiosas e voltadas ao lazer, que segundo elas, são muito difíceis de acontecer. Cada sela possui apenas dois portões de ferro que provê a ventilação do ambiente, e dentro é composto por camas tipo beliche feitas de concreto e um banheiro. A higienização do ambiente é feita por elas onde se organizam em dias periódicos para realizar a limpeza das selas.

A grande parcela das mulheres correspondia a mães que cumpriam pena devido ao tráfico de drogas, onde a maioria respondia por envolvimento com o parceiro que as levaram a participar do tráfico. Todas as mães estavam distantes dos seus filhos, sendo esses cuidados por órgãos públicos ou pela própria família.

De forma muito espontânea as mulheres ficaram muito abertas em falar todos os problemas da unidade, porém, ao falar dos seus filhos era possível ver como ficavam emocionadas e como o semblante de tristeza era comum a todas.

Chamando bastante atenção durante esse momento, uma mãe sugeriu para uma vivente que mandasse uma mensagem para sua filha de 12 anos, que estava sobre cuidados do serviço de proteção do Centro para Criança e Adolescentes – CCA. Por questões éticas e legais, não podíamos entregar a mensagem a adolescente.

A respeito da percepção sobre a prestação de serviços voltado à saúde, muitas estavam descontentes com a assistência prestada sendo evidenciado por elas certa indiferença quando relato suas queixas físicas e psíquicas durante o atendimento.

Na unidade havia uma gestante em seu segundo trimestre, com uma gravidez considerada de risco, que segundo suas colegas, não obtinha atendimento eficaz na unidade e era considerada sortuda, pois a assistência que a mesma recebia provinha da família, que arcava com um serviço particular.

O último momento da vivência, correspondente ao lazer com uma oficina de dança, trouxe muita leveza ao ambiente e todas participaram com muita interação, sendo relato por elas, a falta de momentos como esses e a importância que intervenções como aquela trazem no contexto em que vivem.

4 CONCLUSÃO

Diante dos relatos evidenciados, a unidade prisional somada à falha de uma parcela dos profissionais de saúde torna o ambiente prisional incompatível com período gestacional e da maternidade, visto que, a maior causa de morte materna provém de medidas evitáveis como a hipertensão arterial na gravidez (eclâmpsia) e hemorragia, ambas com estreita relação com o atendimento pré-natal eficaz.

Além das complicações do período gestacional e puerperal, a situação do ambiente em que mãe e filho estão inseridos retrata uma dificuldade na vinculação materna, pois a condição de insalubridade e sofrimento interfere na estruturação emocional tanto da criança como da mãe.

A respeito das mães que possuem filhos, o contexto em que estão inseridos gera sofrimento emocional a ambos devido a separação envolvida e rompimento do elo afetivo, além de preocupação evidenciada pela falta de comunicação e a entrega dos cuidados da criança para familiares e órgãos protetores.

Diante do exposto, é possível concluir que, a organização do ambiente prisional brasileiro é caracterizada por um modelo totalmente arcaico onde busca apenas a penalização dos delitos cometidos não atentando ao desrespeito a condição e a identidade da mulher privada de liberdade e sua prole.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Aparecida N.V. et al. Percepção de mães presidiárias sobre os motivos que dificultam a vivência do binômio. **Rev. Enferm. Contemp.**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 131-142, dez. 2014.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. Divisão de Atenção às Mulheres e Grupos Específicos. **Informação N° 63/2020/DIAMGE/CGCAP/DIRPP/DEPEN.**
- DIUANA, Vilma; CORRÊA, Marilena CDV; VENTURA, Miriam. Mulheres nas prisões brasileiras: tensões entre a ordem disciplinar punitiva e as prescrições da maternidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, p. 727-747, 2017.
- FOCHI, Maria do Carmo S.; SILVA, Agnês R.C.; LOPES, Maria Helena B.M. Pré-natal em unidade básica de saúde a gestantes em situação prisional. **Rev. Rene, Fortaleza**, v. 15, n. 2, p. 371-377, mar./abr. 2014.
- GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÈS, Joan P. Relatos metodológicos: difracting experiências narrativas de investigación. **Fórum Qualitative Social Research**, v. 16, n. 2, mayo 2015.